

O ENSINO DE FILOSOFIA: PROCESSO PARA A VIDA

Jean Rodrigo Pinheiro*

Junior Lago**

Daniel Soares das Chagas***

Lucas Mendes de Aguiar****

Resumo: Este trabalho pretende expor algumas ideias sobre o ensino da filosofia na escola, tanto a situação atual da educação, como a opção por um método de reflexão da educação *Maiêutico Socrático*, do diálogo, e do parir ideias, fazendo com que o aluno se descubra como ser pensante, capaz de conhecer e desejar conhecer. Faz-se uma análise da hiperespecialização do conhecimento como defasagem na educação a partir do livro *A cabeça bem feita* de Edgar Morin e a utilização da tecnologia no processo educacional a partir do livro *A educação no século XXI* de Frederico Imbernón. Assim pretende-se chegar a uma educação cuja escola seja filosófica, e, juntamente com o aluno, construa uma educação filosófica para a vida, partindo da realidade, para chegar a um pensamento crítico e autônomo. A filosofia nos caracteriza como seres pensantes e racionais capazes de produzir conhecimento, e que desejam o conhecimento. Por este viés que nos encontramos no processo de educação, como seres que desejam o saber e a investigação, e buscam o aperfeiçoamento destes saberes. Pela filosofia deixa-se a escola mais plenamente pensante e desejosa do conhecimento, assim cria-se a escola filosófica, autônoma e capaz de dialogar com os demais saberes e ciências.

Palavras-chave: Educação. Filosofia. Autônomo. Diálogo.

1 A Filosofia e a crise na educação

Voltando o olhar para a filosofia de nossos dias e a situação defasada em que se encontra no meio educacional e social, falar de filosofia se torna algo quase que irônico já que vem perdendo toda a sua potência e deixando que outras discussões tomem o seu espaço.

Quando se fala em filosofia, logo se pensa em jovens tremendamente loucos por coisas radicais e diferentes, que se voltam às opções das quais a sociedade o círculo de amigos

* Acadêmico do curso de filosofia da Faculdade Palotina – FAPAS de Santa Maria – RS. E-mail: jean.rodrico.p@hotmail.com

** Acadêmico do curso de filosofia da Faculdade Palotina – FAPAS de Santa Maria – RS. E-mail: lagojunior95@live.com

*** Acadêmico do curso de filosofia da Faculdade Palotina – FAPAS de Santa Maria – RS. E-mail: daniel-chagas_72@hotmail.com

**** Acadêmico do curso de filosofia da Faculdade Palotina – FAPAS de Santa Maria – RS. E-mail: lucasmendes251@hotmail.com

destes jovens tratam como “ridículos”. Estes jovens que buscam a filosofia baseiam-se no mundo teórico, no mundo dos livros, atentam-se às teorias e hipóteses as quais ninguém discute, e das quais muitos pensam que já são ultrapassadas e fora do mundo tecnológico, desenvolvido.

Ao volta-se o olhar para a escola e questionar-se a classe discente da importância do estudo da filosofia, nota-se certo desconforto, já que muitos são os professores que trabalham com filosofia sem ter formação alguma nesta área, sendo assim o filosofar acaba sendo uma discussão de ensino religioso, e muitas vezes, como os próprios alunos falam uma “*matação de tempo*” o que desvincula todo um trabalho filosófico já elaborado para sala de aula, e faz com que a sociedade pela má preparação dos professores e pela forma com que é ensinada a filosofia, tenha certo receio à esta disciplina, pois, não percebem a importância desta para a vida.

Mas, ao olhar, de um modo geral, para a educação como um todo em nosso tempo, vê-se uma grande defasagem no processo histórico de ensino da filosofia e também de uma educação humanística como algo valorativo à sociedade humana. O livro *A Educação no Século XXI*, de F. Imbernón mostra muito bem esta realidade da educação que difere muito dos tempos passados e vem acompanhando o desenvolvimento da sociedade de modo não tão em conjunto, mas como um empecilho educacional:

[...] a aceleração nas mudanças técnicas produziu outros efeitos na sociedade e no sistema educativo, especialmente na segunda metade do séc. XX. Com o desenvolvimento da indústria e do trabalho assalariado, foi rompida a continuidade da herança das posições sociais: na faixa majoritária da população, o filho já não ocupa o posto do pai; o mercado de trabalho está estratificado e necessita-se de algum critério para vincular os indivíduos a postos de trabalhos concretos, mais além dos casos em que se mantém a herança. E o critério que se impôs maciçamente foi o das titulações acadêmicas, de modo que a passagem pelo sistema educativo e o nível de titulação alcançado é hoje a medida mais universalmente utilizada para valorizar as pessoas no momento de sua incorporação ao mercado de trabalho e para determinar o tipo de emprego em que podem inserir-se. A posse de títulos acadêmicos é, de forma crescente, uma condição necessária, embora não suficiente, para o emprego, especialmente para os empregos relativamente bem-remunerados (IMBERNÓN, 2000, p. 197).

Nota-se que com o processo de industrialização e mudança tecnológica da sociedade, o sistema educacional acabou por estagnar em seu eixo, sem determinada reflexão de suas ações. Edgar Morin retrata muito bem isso, quando se refere a uma hiperespecialização dos profissionais, que, ao focarem num determinado assunto, ou determinada tese, esquecem a visão do processo educacional como um só campo, como um todo. Foca-se numa área e em detrimento da universalidade das coisas, assim a educação se torna um armário com muitas

gavetas, acaba-se por ensinar os alunos a organizar cada coisa em seu lugar de forma bem separada e distinta. Prefere-se dividir e decompor, do que unir e multiplicar.

Há inadequações cada vez mais ampla, profunda e grave entre os saberes separados, fragmentados, compartimentados entre disciplinas, e, por outro lado, realidades ou problemas cada vez mais polidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais, planetários [...]. De fato, a hiperespecialização impede de ver o global (que ela fragmenta em parcelas), bem como o essencial (que ela dilui). Ora, os problemas essenciais nunca são parceláveis, e os problemas globais são cada vez mais essenciais. Além disso, todos os problemas particulares só podem ser posicionados e pensados corretamente em seus contextos; e o próprio contexto desses problemas deve ser posicionado, cada vez mais, no contexto planetário (MORIN, 2003, p. 13,14).

A especialização, quando se fecha em si mesma, sem permitir que se faça uma prática universal das coisas ou encarando tudo como se fossem partes particulares, sem relação com o todo, deixa a educação como um processo bem particular voltada a determinada área específica, e não mais à abrangência do global e universal dos campos de estudo.

Mas, como docente, não se pode ver a área da educação como um feixe de problemas, e ainda, como um processo de decadência, mas sim como necessidade de reformulação para o melhor desempenho e desenvolvimento da sociedade, já que todas as áreas passam pela educação e dependem disso, aí cabe o papel do educador como um transformador e, a exemplo do método socrático, um verdadeiro “*parteiro de ideias*”, no qual este ajuda no desenvolvimento da educação, fazendo dela, um processo autônomo e decisivo. Edgar Morin ao mesmo tempo em que fala desta crise da hiperespecialização, lembra também a importância da educação:

O ‘ensino’, arte ou ação de transmitir os conhecimentos a um aluno, de modo que ele os compreenda e assimile, tem um sentido mais restrito, porque apenas cognitivo.

A missão desse ensino é transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre (MORIN, 2003, p. 8).

E é neste meio de ensino que nos encontramos com a filosofia e seu magnífico campo conhecedor, que busca pela verdade de forma incansável. A seguir, vê-se um pouco de como tudo começou.

2 A filosofia e seu campo de estudo

O termo *filosofia*, vem da origem grega, transliterada *philosophia*, que se divide em dois termos, sendo *philo*, que quer dizer “amigo” e *sophia* que quer dizer “sabedoria”, como afirma a raiz etimológica, vê-se que o filósofo é , então, aquele amigo/amante da sabedoria e do desejo pelo saber. A tradição grega atribuiu este termo a um filósofo antigo chamado Pitágoras de Samos que viveu na Grécia antiga, mais ou menos no século V a. C. Para ele a filosofia consiste no desejo de conhecer as coisas, o mundo, a vida, de onde tudo veio e como começou, quando acaba e para onde vai. Sabe-se ainda que a crença, na Grécia antiga, era voltada para a verdade dos deuses, e se buscava esta verdade nos mitos que eram passados de geração em geração pela oralidade ou alguns escritos como os de Homero. Porém, quem buscasse além das coisas divinas, dos deuses, o conhecimento, era chamado de filósofo, aquele que sabe.

A partir deste panorama, pode-se questionar então, qual é a importância da filosofia já que no passado se dava a mais alta gratificação aqueles que a praticavam. E ainda, qual seria, hoje, o verdadeiro estudo e foco da filosofia?

A filosofia distingue-se de disciplinas como a história ou a física por apresentar poucos resultados consensuais: a maioria dos problemas centrais da filosofia continua em aberto. Não há respostas amplamente consensuais sobre se temos ou não livre-arbítrio, se Deus existe, quais são os fundamentos da ética, ou sobre a natureza da arte. Isto contrasta com a história, a biologia ou a física; nestas disciplinas há muitíssimos resultados amplamente consensuais (MURCHO, 2008, p. 80).

Notavelmente vê-se que a filosofia difere muito das outras áreas do saber, sendo diferente da matemática, ou química, ou ainda das outras áreas humanas, já que seus saberes não são tão consensuais, no pode-se notar quanto à liberdade, onde há alguns filósofos que enfatizam o livre-arbítrio¹ e outros ainda no determinismo², ou ainda no que se refere à existência de Deus, como um Gênio maligno³, ou um ser que está em tudo, ou ainda aquele onisciente, onipotente e onipresente, ou até mesmo recusando a ideia de Deus, afirmando a

¹ Tomás de Aquino, e a maioria dos filósofos medievais.

² Noção de alguns filósofos como Spinoza, que pensam que as coisas já estão determinadas por um ser superior ou pelo menos pela própria organização natural.

³ Possibilidade de um Gênio maligno, no qual encontra-se na obra de Renê Descartes *Meditações*, onde se faz necessário criar o gênio maligno para reforçar a ideia de um Deus plenamente bom.

sua morte⁴. São muitas as formas e concepções de ver as coisas, mas isso não torna a filosofia algo impossível de se realizar, mas é o que a caracteriza, no que se volta à necessidade do saber.

Isso tudo torna a filosofia uma criadora e transformadora de conceitos, capaz de questionar a realidade e confirmar ou refutar hipóteses. É uma arte de gerar conhecimento.

A filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos [...] O filósofo é o amigo do conceito, ele é conceito em potência. Quer dizer que a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos (DELEUZE; GUATTARI, p. 10-13).

Para Deleuze e Guattari, a filosofia é uma atividade de criar conceitos propriamente do pensamento, porém, essa atividade não surge de forma tão espontânea, mas sim, basicamente, de duas formas: como ato de pensamento e como produtora de conceitos. Assim o pensamento, segundo eles, é puramente criativo. Isso se dá por três formas de produção: a arte, a ciência e a filosofia, mas não esgota o sentido total da filosofia.

Mas, se a filosofia é uma produtora de conceitos, preocupada com soluções, problematizações e hipóteses, que mechem com a realidade comum de nossa sociedade, como se aplica isso no meio da educação?

Aí está a dificuldade de se trabalhar filosofia na escola. Enquanto não houver, como chama Edgar Morin, um processo de interdisciplinaridade, no currículo escolar, o aluno vai continuar sendo um “engavetador” de conhecimento, subtraindo e decompondo, ao invés de acrescentar conhecimento e usar-se da *Maiêutica Socrática*⁵ para o processo de conhecimento.

3 Escola filosófica

Ao olharmos a filosofia na história e os processos de educação com os quais se utilizou para a compreensão e detenção do conhecimento, vemos que em Aristóteles, no seu livro intitulado *Metafísica*, diz que “Todos os homens tem, por natureza, o desejo de conhecer” (1984). E isso é o que move o homem enquanto ser racional, e ser que pensa.

⁴ Filósofos responsáveis por tais concepções, como Tomás de Aquino (Deus onisciente, onipresente e onipotente), Descartes (responsável por criar e rebater o Gênio Maligno), Spinoza (Deus é um e esta um tudo, com isso determinatudo), Nietzsche (anula a necessidade de Deus, dizendo que Deus está morto).

⁵ Processo utilizado pelo filósofo Sócrates em seus discursos escritos por Platão, na Grécia Antiga. Tem o método de *parir ideias*, se utilizando disso para o desenvolvimento de um diálogo e reflexão sobre determinado assunto. Há em cada um o saber, basta pari-lo.

Platão mostra isso com Sócrates e o método da “*Maiêutica*”, visto no capítulo anterior, como forma de *parir ideias*, sendo o primeiro método conhecido para ensinar filosofia.

Para nós, hoje, cabe pensar se a filosofia ainda é capaz de se utilizar deste método, como forma de aprendizagem. Sabemos que a “*Maiêutica*” baseia-se fundamentalmente no diálogo, e assim todo o pensamento de Sócrates, pois o conhecimento não se dá de forma isolada, mas da reflexão em conjunto, deferentemente de Descartes, o qual afirma que todo e qualquer conhecimento parte do *eu* sendo que “eu penso, eu existo”, mas no processo educacional precisa-se necessariamente do outro, para a criação de nossas crenças básicas e a capacidade de desenvolver/formar um pensamento autônomo e que seja capaz de se criar e se recriar.

Em Edgar Morin, encontra-se o papel da filosofia para nossos dias:

A filosofia deve contribuir eminentemente para o desenvolvimento do espírito problematizador. A filosofia é, acima de tudo, uma força de interrogação e de reflexão, dirigida para os grandes problemas do conhecimento e da condição humana. A filosofia, hoje retraída em uma disciplina quase fechada em si mesma, deve retomar a missão que foi a sua – desde Aristóteles a Bergson e Husserl – sem, contudo, abandonar as investigações que lhe são próprias. Também o professor de filosofia, na condução de seu ensino, deveria estender seu poder de reflexão aos conhecimentos científicos, bem como à literatura e à poesia, alimentando-se ao mesmo tempo de ciência e de literatura. (MORIN, 2003, p. 23).

Neste sentido, o desenvolvimento de uma escola filosófica depende muito da ação do professor na necessidade de fazer com que o aluno seja um investigador, voltado ao impulso da inquietação do desejo de conhecer. A busca pela reflexão se torna cada vez mais necessária no meio escolar, assim como a interdisciplinaridade do currículo escolar. Durkheim diz no processo de educação:

O objetivo da educação não é o de transmitir conhecimentos sempre mais numerosos ao aluno, mas o de criar nele um estado interior e profundo, uma espécie de polaridade de espírito que o oriente em um sentido definido, não apenas durante a infância, mas por toda a vida (DURKHEIM, 1973, p. 38).

Por este viés a filosofia se encontra, não como uma prática de livros de autoajuda, mas como prática para a vida. A necessidade de uma reflexão interior faz com que o aluno desperte para a necessidade de pensar sobre/como se vive. Olhando a realidade e estando a caminhar de maneira autônoma e não mais determinada. A filosofia converge ao melhor estudo das demais disciplinas, quando assim, os professores conseguem trabalhar de forma conjunta. Não há mais a necessidade de decorar fórmulas e argumentos, mas sim a capacidade

de fazer e refazer para chegar a um conhecimento extraído de sua própria reflexão. Assim, Edgar Morin fala que:

É para o aprendizado da vida que o ensino da filosofia deve ser revitalizado. Então, ele poderia fornecer o indispensável suporte dos dois produtos mais preciosos da cultura européia: a racionalidade crítica e a autocrítica, que permitem, justamente, a auto-observação e a lucidez; e, por outro lado, a fé incerta (MORIN, 2003, p. 54).

E ainda, Edgar Morin, além de ressaltar a importância da filosofia para a criação de um senso crítico na sociedade, diz que é necessário uma retomada da filosofia antes refeita, como processo de bem viver, e voltado ao sentido da vida.

A filosofia, ao contribuir para a consciência da condição humana e o aprendizado da vida, reencontraria, assim, sua grande e profunda missão. Como já acusam as salas e os bares de filosofia, a filosofia diz respeito à existência de cada um e à vida quotidiana. A filosofia não é uma disciplina, mas uma força de interrogação e de reflexão dirigida não apenas aos conhecimentos e à condição humana, mas também aos grandes problemas da vida. Nesse sentido, o filósofo deveria estimular, em tudo, a aptidão crítica e autocrítica, insubstituíveis fermentos da lucidez, e exortar à compreensão humana, tarefa fundamental da cultura (MORIN, 2003, p. 54).

Mas como comparar um processo de reflexão com, se olharmos para uma sociedade moderna e desenvolvida, toda a linha tecnológica e de informações que disputam com o meio educacional?

Vê-se a seguir o problema tecnológico apresentar-se-á na escola e como é possível agir diante deste travamento do professor para com o aluno.

4 Da tecnologia à Educação

Ao querer-se trabalhar num processo de educação voltado à reflexão, logo nos deparamos, é possível que o professor depare-se com a necessidade tecnológica que hoje lhe impõe certa necessidade de algo diferente, de também estar de posse do conhecimento sobre as novidades tecnológicas. Muitos professores ainda não conseguem trabalhar com os novos meios tecnológicos de educação por não mudar sua forma de trabalho, sendo assim incapazes de renovar e reformular seus métodos.

Os alunos, hoje, estão muito bem informados e com muito acesso a informação, mas com pouca capacidade de conhecimento. Francisco Imbernón fala sobre os desenvolvimentos tecnológicos na educação:

A educação na sociedade da informação deve baseia-se na utilização das habilidades comunicativas, de tal modo que nos permita participar mais ativamente e de forma mais crítica e reflexiva da sociedade [...] devemos pensar sobre que tipo de habilidades estão sendo potencializadas nos contextos formativos e se com isso é facilitada a interpretação da realidade a partir de uma perspectiva transformadora (IMBERNÓN, 2000, p. 31).

Nota-se, de novo, que sempre se faz a necessidade de reflexão, e de uma participação ativa do aluno na escola, conseqüentemente, da pessoa para a vida em sociedade. Porém, para a utilização dos meios de comunicação, se faz necessário a revisão destes como um ponto de partida, que sejam auxílio de pesquisa, e até mesmo a base para a reflexão.

Os ensinamentos de filosofia e de tantas outras áreas do saber, hoje na sociedade contemporânea desafiam ao corpo docente de escolas e universidades, pois, dentro de uma realidade em que o espaço cognitivo dos educandos, os meios didáticos das instituições de educação, a alta geração de tecnologia, e a facilidade com que cada vez mais, e mais cedo os educandos possuem acesso às novas mídias, aparelhos tecnológicos, redes sociais e de todo modo, a infinidade de possibilidade de informações e aparato tecnológico, estão estes, dentro da realidade de uma sala de aula. Assim sendo, o papel do educador, seja do professor universitário, ou de grades curriculares e atendimento à infância, todos, sem exceção competem com o mundo tecnológico em que seus docentes estão envolvidos, para desenvolver o saber, seja o filosófico, seja de outras áreas.

O papel do professor frente a esta realidade de uma cultura da informação e da tecnologia é o de caminhar junto e com estes meios. É preciso que este adquira também o conhecimento das redes de mídia social provenientes do meio virtual, e ainda tantos outros inventos humanos presentes na era da tecnologia, tais como: aparelhos de jogos, a infinidade de aparelhos de celulares modernos, redes sociais, lousas digitais etc. É vital que o profissional da educação, independentemente de sua faixa etária tenha no mínimo um conhecimento básico de tais tecnologias.

Para além de conhecer, é preciso saber como usar a tecnologia em sala de aula, ou ainda, mesmo dando-se conta de que nem tudo é possível de se usar em uma aula de filosofia, fazer com que os alunos percebam a influência positiva ou negativa do uso coordenado ou desregrado de tal aparelhagem e sistemas. Ensinar a pensar sobre.

Outro caráter importante sobre a presença da tecnologia em sala de aula, ou na vida dos alunos, de suas famílias, ambientes de trabalho, é que cabe ao professor, depois de ter o conhecimento e estar em constante atualização em relação ao que o mundo tecnológico apresenta, bem como o de fazer/provocar um pensar autônomo em relação à própria relação

aluno/tecnologia, é o papel fundamental de orientar aqueles de quem esta a frente na sala de aula, grupo de pesquisa, projeto educacional etc. é o de provocar um despertar para que os alunos tenham a capacidade de extrair conhecimento de dentro desta “massa tecnológica e informativa” que é a todo momento produzida. Isto é: a tarefa do professor em última análise é desenvolver de forma crítica, e auxiliar os seus docentes, para que eles aprendam a filtrar dentre tudo o que é produzido informativamente, o que pode ser de fato um conhecimento necessário e autentico para a vida. O pensar filosófico, enquanto ensino, na contemporaneidade, não está longe do que faziam os gregos, se na sociedade cosmológica grega, o papel do pedagogo/filósofo para com seus discípulos era o de causar espanto e ensinar a pensar sobre o mundo, a natureza, o sentido da vida e o universo, hoje em dia, tendo em conta a abissal diferença de valores e realidades, dada a necessidade de atualização do professor frente ao fluído mundo que se apresenta, como professor, a tarefa está também para provocar o mesmo espanto e amor pelo saber de outrora, nos jovens de hoje, resgatar o sentido de conhecer, a curiosidade pelos elementos do universo, o questionar-se sobre a vida e a razão das coisas, tendo (a tecnologia), não como empecilho, mas, como ferramenta e fonte de busca e reflexão sobre a vida.

Se no passado, havia um mundo só sobre o qual se debruçar filosoficamente, hoje, pode-se dizer que há o mundo real e o virtual, ambos dotados de infinitudes de exploração e questionamentos acerca de si. Cabe um redescobrir dos meios e uma abertura de possibilidade para o ensino e despertar da atitude filosófica, para a vida, existe no homem um caráter onipresente da filosofia em cada ser, o que falta para esse despertar, seja talvez, o bom exercício dos porquês, aliado a demonstrar o lado fascinante de como uma vida questionada (como diz Aristóteles) merece ser vivida.

Conclusão

Chegando até aqui, pode-se assim dizer, com certa reflexão e não conclusão de uma hipótese, que necessitamos mais que urgentemente, de um processo de reflexão para a interdisciplinaridade de nossos currículos escolares, pois o processo de reflexão filosófica, para partir a aplicar o ato de produzir ideias precisa deixar de engavetamentos para uma educação mais compartilhada.

Vê-se também muito necessário o uso das novas tecnologias no processo educacional do aluno. A meta do ser filósofo tende ao ser um produtor de conhecimento, e nisto deve basear-se a escola, não como uma necessidade para futuramente uma especialização ou

meramente à abertura para o mercado de trabalho, mas uma escola filosófica, onde se ensina filosofia para a vida, para o bem viver em sociedade, de forma autônoma e crítica.

Referências

ARISTÓTELES. **Metafísica de Aristóteles**. São Paulo: Victor Civita, 1984.

DELEUZE, G. ;GUATTARI, F. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Edição34, 1992.

DURKHEIM, Emile. **Educación y Sociología**. Buenos Aires: Editorial Shapire, 1973.

IMBERNÓN, Francisco (Org). **A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma e reformar o pensamento**. 8. ed. Rio de janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MURCHO, D. **A natureza da filosofia e o seu ensino**. Educ. e Filos., Uberlândia, v. 22, n. 44, p. 79-99, jul./dez. 2008.